

Bairro muda de nome mas os problemas continuam

O bairro do Beiru/Tancredo Neves, há 162 anos, era uma grande fazenda, pertencente a um fidalgo português, Garcia D'Ávila. Passado mais de um século e meio, a propriedade das terras, posteriormente invadidas pela população de baixa renda, volta a ser reclamada por um dos descendentes do nobre lusitano, constituindo-se em um dos principais problemas enfrentados pelos moradores da área. Diretamente ligada à questão fundiária está a disputa dos líderes das associações de moradores do local, que tentam, de um lado, manter o antigo nome do bairro e, do outro, substituí-lo pelo do presidente morto.

Beiru era o nome de um preto velho escravizado, que tomava conta das terras de Garcia D'Ávila, hoje reclamadas por Milton Oliveira, que diz possuir documentos comprobatórios de sua posse, passados de geração a geração. O presidente do Conselho de Moradores do Bairro Tancredo Neves, Dionísio Juvenal, entretanto, contesta a legitimidade da propriedade, e há anos vem liderando um movimento que reivindica do poder público a intervenção na área, para garantir que a população deixe de pagar pelo pedaço de terra ocupado e as casas sejam legalizadas.

"ORIGEM NEGATIVA"

Por considerar que o nome "Beiru" tem "origem negativa", desde que veio "de alguém que *escureçava* o povo", Dionísio Juvenal resolveu fazer um plebiscito entre os moradores do bairro, visando a trocar sua denominação para "Tancredo Neves". Segundo informou, "dos 5.500 votantes, 5 mil optaram pelo nome proposto e 500 escolheram outro nome, ou preferiram manter o antigo". Mas a iniciativa não tem propósito apenas místico. Seu objetivo maior é desvincular o bairro, através da troca da "identidade", de seus atuais "proprietários", como uma forma de tentar resolver o problema fundiário da área.

A questão torna-se mais clara quando se identificam os líderes do movimento contrário, que desejam manter o nome "Beiru" para o bairro. Pedro Ferreira, conhecido como "Ferreirinha", diz ser "um absurdo querer

mudar uma história de 162 anos de uma hora para a outra". Segundo ele, "isso de querer trocar o nome do bairro tem propósito eleitoral". Juntamente com outros moradores, vem fazendo frente ao movimento comandado por Dionísio Juvenal, tendo como principal "arma" a edição de um jornal tablóide, o "Beiruhoje".

SINDICÂNCIA

Ao evocar a memória histórica do bairro para justificar o movimento em prol da manutenção do antigo nome, Ferreirinha fez um pequeno levantamento da "cadeia sucessória" dos proprietários das terras, defendendo, assim, a posição de seu "amigo e compadre Milton", que cobra pela ocupação dos terrenos. "As pessoas têm que respeitar a propriedade privada", diz ele, afirmando que "o próprio Dionísio pagou pelo seu terreno e agora vem com essa conversa fiada". Ele tem esperanças de que o movimento liderado por Dionísio Juvenal não vingue. "O projeto não foi aprovado pela Câmara; a prefeitura só fez mudar o nome nos letreiros dos coletivos".

Conforme explicou o presidente do Conselho de Moradores do Bairro Tancredo Neves, a questão fundiária estava sob a responsabilidade da Hamesa, mas ele acusa a empresa de ter se "ligado aos grifeiros, protelando a solução do problema". Denunciou, ainda, "o desvio das verbas destinadas às obras de melhoria do bairro", afirmando que "os moradores irão exigir do BNH uma sindicância para apurar as corrupções". Segundo Dionísio Juvenal, as obras infra-estruturais realizadas no bairro, além de insuficientes, foram "mal feitas, gerando outros problemas para a comunidade".

RISCO

A rede de esgotos é uma das obras criticadas por Dionísio Juvenal. Projetada erroneamente, "sem abertura suficiente para a passagem das fezes, entope constantemente", fazendo transbordar e escorrer pelo asfalto a água fétida proveniente das casas. O canal principal da rede, por sua vez, não foi fechado, "como ha-

viam reivindicado os moradores, exalando um odor insuportável e colocando em risco a saúde das pessoas". Segundo o presidente do conselho de moradores, constantemente caem crianças no canal.

A ladeira que dá acesso a parte mais nova do bairro, na verdade uma grande invasão, com barracos construídos com madeira e barro "socado", foi asfaltada, mas corre o risco de ruir no período das chuvas. O terreno, arenoso, já começa a ceder em alguns pontos, sem que haja uma estrutura de alvenaria para contê-lo. Outro problema enfrentado pelos moradores é o educacional. Dionísio informou que as três escolas do bairro não são suficientes para atender à demanda, existindo cerca de 5 mil crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos) excedentes.

LIXO

Junto com a escassez de vagas, as condições em que se encontram duas delas, depredadas e desequipadas, agravam ainda mais a situação. A "Escola Edvaldo Fernandes", por exemplo, encontra-se em estado de total degradação, com carteiras quebradas, buracos abertos nas salas de aula, vidraças partidas e condições higiênicas precárias. O posto médico (6º Centro de Saúde), por sua vez, é insuficiente para o grande número de moradores, "formando-se, diariamente, filas quilométricas". O posto só tem capacidade para atender 20% da demanda.

A segurança foi outro ponto destacado pelo presidente do conselho de moradores. "Não existe policiamento preventivo. Apesar da delegacia instalada no bairro, constantemente ocorrem assaltos. Os moradores não se sentem seguros para sair de casa, seja de dia ou de noite". Irregular, a coleta de lixo constitui-se em um dos sérios problemas do bairro, onde se formam verdadeiros monturos, que se transformam em focos de doenças. Em frente ao próprio conselho de moradores, o lixo é acumulado dias a fio, deixado, segundo seu presidente, "propositadamente, para chamar a atenção da opinião pública para o problema".